



## **Blog *Primavera nos dentes*: uma iniciativa de divulgação científica em antropologia da educação**

Juliane Bazzo<sup>1</sup>

### **Resumo**

Neste trabalho, descrevo e problematizo caminhos que me conduziram à concepção e administração do blog de divulgação científica *Primavera nos dentes – Ensaios sobre a escola e a realidade brasileira* (<https://blogprimaveranosdentes.wordpress.com/>). Levada ao ar em janeiro de 2020, a plataforma surgiu, a princípio, para contemplar duas frentes acadêmicas que me são caras. De um lado, a divulgação científica, com a qual me envolvi a partir da graduação em comunicação social, ao atuar com jornalismo ambiental. De outro, a antropologia da educação, que é o subcampo disciplinar ao qual me filio hoje, em decorrência de minha pesquisa de doutoramento. A pandemia da Covid-19 instaurou-se pouco tempo depois do nascimento do blog e, desde então, vem sendo temática dominante nesse espaço, dados os profundos impactos da emergência sanitária sobre o cotidiano educacional, em todos os níveis de ensino. No âmbito desse acontecimento de grandes proporções, além de ofertar conteúdo, inclusive com a colaboração de outras(os) pesquisadoras(es), o blog tornou-se guarda-chuva para o abrigo de outros três projetos, a saber: a curadoria especial de conteúdo *Coronavírus & Educação, o Escola em quarentena: um registro antropológico de memórias educacionais*” e o podcast *Fazeres etnográficos em tempos de pandemia*. Por intermédio dessa experiência, discuto pontos tais como: (i) o objetivo de fomentar, por meio da divulgação científica, um campo de pesquisas historicamente periférico, que é a antropologia da educação, projetando-a não só à sociedade mais ampla, mas também entre a comunidade acadêmica; (ii) a concretização do blog como um espaço que não só comunica meus achados de pesquisa e vivências de ensino em antropologia, como também busca promover a cooperação acadêmica entre pares; (iii) a possibilidade de o blog abarcar outros subprojetos que, por sua vez, passaram a se articular a outras redes de atores, propiciando assim resiliência acadêmica, frente a uma pandemia que se dá em meio a um governo federal autoritário, negacionista e negligente.

Palavras-chave: divulgação científica, antropologia da educação, blog primavera nos dentes, pandemia de covid-19, cooperação acadêmica, resiliência acadêmica

### **Introdução**

A contar da formalização da Antropologia enquanto disciplina no Brasil em meados do século 20, perdurou por considerável tempo o *status* da antropologia da educação como subcampo investigativo em processo de constituir-se, contrastado a uma produção mais representativa nesse mesmo viés em outras nações, principalmente na América do Norte e na

---

<sup>1</sup> Doutora em Antropologia Social pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Pós-doutoranda no Programa de Pós-graduação em Antropologia da Universidade Federal da Grande Dourados (PPGAnt/UFGD).

Europa (Gomes; Gomes 2013). Há não muito, porém, argumentei em coautoria que esse estado de coisas enseja uma revisão, já que tal vertente de estudos tem ofertado, nos anos recentes, sinais de amadurecimento, em volume, diversidade e densidade de contribuições (Bazzo; Scheliga 2020).

De fato, essa corrente possui demarcado, originalmente, um lugar periférico na produção antropológica brasileira. Desde a década de 1970, registrou-se um envolvimento regular de antropólogos(os) em projetos e políticas educacionais dirigidos a diferentes segmentos da população nacional, especialmente entre os povos indígenas, mas também em universos urbanos que se expandiam e complexificavam (Gusmão 2014; Oliveira *et al.* 2016). É, todavia, a partir dos anos 90 que uma antropologia centrada na educação tem impulso no país, diante do estabelecimento do Ensino Básico como um direito pela Constituição de 1988, com novas políticas públicas daí decorrentes<sup>2</sup>.

A alavancagem dos estudos antropológicos em educação no Brasil debruçou-se, não obstante, sobre temas bastante circunscritos. Tanto as(os) antropólogos(os), quanto as(os) educadoras(es) interessadas(os) em tal recorte detiveram suas preocupações iniciais nos desafios colocados pela escolarização indígena; na sistematização de conteúdos sobre a diversidade sociocultural brasileira nos currículos de formação docente, com aspirações de repercussão no processo de ensino-aprendizagem; assim como na popularidade do emprego da etnografia dentre os métodos qualitativos emergentes de pesquisa em educação (*id.*).

Desde a segunda década dos 2000, contudo, esse panorama passa a sinalizar modificações em nosso país, mais uma vez sob estímulo de novas políticas públicas. Assinadas pelos governos petistas no poder executivo, essas iniciativas se deram nos domínios da inclusão econômica e do reconhecimento da diversidade sociocultural, com impactos expressivos ao longo do tempo no cotidiano e na formação de docentes e discentes, em diferentes níveis de ensino (*id.*)<sup>3</sup>.

---

<sup>2</sup> Até então, a sociologia constituía no Brasil o braço das ciências sociais com produção mais significativa acerca da educação como tema.

<sup>3</sup> Dentre tais intervenções estão a ampliação do Fundo de Financiamento Estudantil – Fies (Lei n. 10.260/2001); o ensino obrigatório de história e cultura afro-brasileira nas escolas (Lei n. 10.639/2003); o Programa Bolsa Família (Lei n. 10.836/2004); o Programa Brasil sem Homofobia (2004); o Programa Universidade para Todos – Prouni (Lei n. 11.096/2005); o ensino obrigatório de história e cultura indígena nas escolas (Lei n. 11.645/2008); a Política de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva (2008); a Política de Valorização do Salário Mínimo (Lei n. 12.382/2011); o Programa de Acesso ao Ensino Técnico – Pronatec (Lei n. 12.513/2011) e a Lei n.

É nesse cenário que pesquisas em antropologia da educação no Brasil vêm pluralizando seus temas nos últimos anos, como também se dedicando a efetuar imersões no dia a dia das instituições de ensino, fitando etnograficamente os “contextos pedagógicos” (Guedes 2014), em trabalhos encabeçados de modo prioritário por antropólogas(os). Logo, conforme aponta Rosistolato (2018, p.4), constata-se no tempo presente o fortalecimento da produção de estudos que estabelecem a “escola como *locus* privilegiado para investigações antropológicas da educação”.

Em meio a essa efervescência, situo meu trabalho de doutoramento em Antropologia Social, que se voltou a etnografar agenciamentos do conceito de *bullying* no cotidiano nacional contemporâneo, com especial atenção a ambientes formais de ensino (Bazzo 2018). Igualmente, vejo como fruto dessa atmosfera o blog de divulgação científica *Primavera nos dentes — Ensaaios sobre a escola e a realidade brasileira*, projeto que lancei de modo independente no início de 2020, objeto central de abordagem neste texto (<https://blogprimaveranosdentes.wordpress.com/>).

Como o próprio nome do blog sugere, seu conteúdo almeja abraçar debates sobre a escola e a conjuntura nacional, sob a luz da antropologia, em conversa com a educação. A nomenclatura deriva da canção “Primavera nos dentes”, de autoria de João Ricardo e João Apolinário, famosa na voz de Ney Matogrosso nos tempos da banda Secos & Molhados. Mas, a aspiração primeira a essa denominação veio da chamada Primavera Secundarista, movimento encabeçado por estudantes brasileiras(os), que abrangeu uma série de ocupações em escolas e protestos de rua em diversos estados, entre os anos de 2015 e 2017, contra o sucateamento da educação pública no país (Scheliga; Bazzo 2021).

Essas mobilizações ficaram marcadas pelo protagonismo de jovens mulheres, considerado um reflexo dos feminismos recentes, que denunciam opressões interseccionadas de gênero, raça, classe, orientação sexual, deficiência, entre outros marcadores de diferença transformados em desigualdades, por meio de uma agenda projetada via poder colaborativo das redes sociais virtuais. A Primavera Secundarista, fomentada então por essa vibrante atuação feminina, teve entre seus méritos a capacidade de suspender da cena pública um vocabulário de

---

12.711/2012, que delimitou cotas socioeconômicas, étnico-raciais e a pessoas com deficiência para ingresso em instituições federais de ensino.

imobilismo não raro empregado acerca da educação estatal brasileira, para apresentar outro em direção oposta, pleno de força política, luta por cidadania e desejo por projetos de futuro (*id.*).

O projeto do blog imbuí-se desse espírito, percebendo a escola como lugar recheado de vida, intrinsecamente conectado à sociedade de que faz parte e, logo, potente para reflexões das ciências humanas em favor do entendimento de processos sociais complexos, estejam em curso ou ainda por nascer. Nessa trilha, o *Primavera nos dentes* deparou-se com a pandemia da Covid-19, decretada cerca de 60 dias após seu nascimento.

Essa crise multifacetada de enorme magnitude – ao mesmo tempo sanitária, geopolítica, econômica e sociológica – determinou impactos significativos sobre rotinas pedagógicas presenciais ao redor do mundo e colocou a necessidade de lidar com a educação remota emergencial como ferramenta de enfrentamento. A narração a seguir costura-se por intermédio desse “evento crítico” (DAS, 1995), para apresentar o blog e tratar de três subprojetos que ele hospedou nesta temática, a qual atualmente é dominante na sua produção de conteúdo.

### **Um sobrevoos pelo blog**

Falar da concepção do *Primavera nos dentes* pressupõe trazer à tona não só minha trajetória na pós-graduação em antropologia, mas também o bacharelado que cursei em jornalismo. Essa formação me concedeu a oportunidade de estagiar e, em seguida, atuar como profissional no setor de comunicação de uma reconhecida organização não governamental paranaense, dedicada a projetos de conservação ambiental (SPVS 2020).

Nesse universo, desenvolvi habilidades em jornalismo científico, a fim de produzir conteúdos a diferentes publicações, sobre temas tais como aquecimento global, mudanças climáticas, espécies endêmicas sob risco de extinção, conflitos socioambientais e populações tradicionais. Dentre outras repercussões em minha biografia laboral, essa experiência gerou um curso de extensão em jornalismo ambiental que vim a ministrar na Universidade Livre do Meio Ambiente (Unilivre), em Curitiba - PR (Bazzo 2005) e me trouxe a terceira colocação para

reportagem impressa na edição de 2004 do 9º Prêmio Sangue Novo no Jornalismo Paranaense, promovido pelo sindicato estadual<sup>4</sup>.

A combinação de saberes dessas duas áreas – a antropologia e a comunicação, mais especificamente o jornalismo – ofereceram, portanto, os alicerces para o projeto editorial do blog. A página abarca hoje sete categorias de conteúdos: (i) Educação na pandemia; (ii) Eventos extremos de violência juvenil; (iii) Marcadores sociais da diferença; (iv) Feminismos na contemporaneidade; (v) Práticas pedagógicas; (vi) Especiais<sup>5</sup> e (vii) Colaboradoras & Colaboradores.

Passíveis de crescer em número, essas circunscrições remetem diretamente a temas de pesquisa, ensino e extensão de meu interesse. Congregam, na forma de *posts*, artigos breves com perfil de divulgação científica, a versar sobre investigações que tenho conduzido, como também acerca de metodologias de aprendizagem de antropologia que venho explorando em sala de aula. Em geral, exercito o hábito de, primeiramente, buscar a publicação dos textos em veículos de maior alcance para, depois, proceder a replicação no blog, a fim de ampliar escalas de circulação, sempre mencionando a fonte original<sup>6</sup>.

Em um curto tempo depois do lançamento do *Primavera*, fui impelida a pluralizar as vozes presentes no espaço e efetuei abertura para contribuições de colaboradoras(es), acionando para tanto pesquisadoras(es) do campo da antropologia da educação com quem vinha dialogando em diferentes frentes<sup>7</sup>. Em pouco mais de um ano de existência, o blog engajou seis investigadoras(es), apresentadas(os) na seção ‘Como contribuir’, junto com orientações sobre a submissão de textos por quaisquer interessadas(os).

---

<sup>4</sup> A matéria agraciada intitulava-se “O dia a dia da Ilha na voz do pescador”. Integrou o primeiro número do jornal comunitário Maré de Lua, uma iniciativa do Projeto de Conservação do Papagaio-de-cara-roxa, mantido pela Sociedade de Pesquisa em Vida Selvagem e Educação Ambiental (SPVS), em áreas de Floresta Atlântica no litoral paranaense. As edições deste jornal estão disponíveis no formato .pdf em meu perfil na rede LinkedIn. Cf. <https://www.linkedin.com/in/juliane-bazzo/>.

<sup>5</sup> A categoria ‘Especiais’ compreende esforços tais como traduções.

<sup>6</sup> Para citar alguns exemplos, artigos do blog já passaram primeiro por portais como *Le Monde Diplomatique Brasil*, *Catarinas – Jornalismo com perspectiva de gênero*, *Blog do Sociofilo* (atual *Blog do Labemus*) e *Instituto Humanitas Unisinos*.

<sup>7</sup> Entre estas, menciono o grupo de trabalho “Etnografia em contextos pedagógicos”, que coordenei na Reunião de Antropologia do Mercosul (RAM) de 2019 e, enquanto fruto de tal iniciativa, um dossiê de mesmo nome, desdobrado em três números da *Campos - Revista de Antropologia*, organizado em parceria com a Profa. Dra. Eva Scheliga (Dean/PPGAA/UFPR). Cf. <https://revistas.ufpr.br/campos/index>.

Afora esse espaço, há outras nove seções fixas a compor a página: (i) Sobre o blog; (ii) Quem faz; (iii) Biblioteca; (iv) Cinemateca; (v) Linkteca; (vi) *Clipping*; (vii) Etc.; (viii) Entre em contato e (ix) *English info*. Embora permanentes, tais seções agregam na maioria conteúdos em constante ampliação, que decorrem dos bastidores das pesquisas e aulas que tenho realizado. Reúnem indicações de livros, audiovisuais, *podcasts*, reportagens, *links* e referências artísticas que me são úteis como pesquisadora-professora e, ao mesmo tempo, mostram capacidade de despertar a curiosidade de leitoras(es).

O blog ainda comporta conexões a outras plataformas – no momento, *Facebook*, que serve à divulgação de seu conteúdo; *Pinterest*, que opera como galeria de imagens; e *Deezer*, que hospeda uma *playlist* musical de propósitos educativos, para trabalhos com crianças e jovens. Além disso, a página possui direcionamentos para perfis pessoais nas redes *Academia.edu* e *LinkedIn*, bem como no *YouTube* e na base *Lattes*, como meio de remissão mais ampla à minha produção acadêmica. Por fim, enquanto recursos adicionais, o *Primavera nos dentes* conta com um painel de *tags*, que identifica os temas mais explorados pela página; um serviço de assinatura para notificação sobre novos *posts*; um buscador e também um arquivo de conteúdos.

### **Coronavírus & Educação: curadoria especial**

Embora o alerta sobre uma pandemia já há muito houvesse sido dado por cientistas estudiosos das mudanças climáticas, a emergência sanitária da Covid-19 não deixou de nos surpreender a todas(os) por sua grandeza e periculosidade. Era a primeira vez que a esmagadora maioria dos habitantes do planeta vivenciava na pele um evento desse tipo. Nos dias seguintes à decretação pandêmica, que logo viraram semanas e depois meses, cada um(a) buscou assim entender os impactos desse acontecimento em vidas pessoais, rotinas profissionais e perspectivas para o futuro.

Reflexo desse movimento, a curadoria especial de conteúdo chamada *Coronavírus & Educação*, desenvolvida no *Primavera nos dentes*, reuniu meus esforços em compreender um fenômeno que repercutia fortemente no dia a dia de meu universo de trabalho, tanto como pesquisadora, quanto professora<sup>8</sup>. Transformei em um todo ordenado, portanto, uma série de

---

<sup>8</sup> Entre 2020 e 2021, atuei como docente substituta no Departamento de Antropologia da Universidade Federal do Paraná (UFPR) e enquanto visitante no Programa de Pós-graduação em Antropologia da Universidade Federal da Grande Dourados (PPGAnt/UFGD).

leituras cotidianas que fiz, por acreditar que esse material poderia ser útil a outras pessoas desejosas de encontrar, em um único local, informações qualificadas sobre as mudanças na educação em um cenário crítico, principalmente no que tange aos aspectos socioantropológicos.

Na esteira de Bhaskar (2020), visualizo a curadoria como o esforço de “seleção no mundo do excesso” informacional, uma conjuntura que se desenha no Ocidente a contar da primeira revolução industrial, passa pelo advento da internet e alcança as redes sociais virtuais e os perigos das *fake news* na contemporaneidade. A demanda por ‘curar’, conforme explica esse autor, decorre da percepção pragmática de que algo benéfico em sobrecarga pode gerar problemas, em vez de soluções. Nesse sentido, a curadoria ultrapassa sua tradicional presença em espaços de arte e emerge em diversas áreas de atuação, para tratar do conjunto de atividades dirigido à seleção refinada e ao arranjo sistematizado de elementos críveis, antes dispersos e não categorizados.

Em tal universo, delinea-se a “curadoria educacional”, responsável pela avaliação, triagem e organização de conteúdo qualificado, relevante e confiável a estudantes, em contextos formais e não formais de interação. Um(a) curador(a) dessa natureza auxilia em jornadas de conhecimento, pela oferta de ativos informacionais que educandas(os) podem explorar com segurança, autonomia e aprendizado significativo. Se bem usada, esse gênero de intervenção valoriza o papel docente e coloca as tecnologias a serviço da educação, não o contrário (Sizanosky 2020).

Esses referenciais me orientaram, por conseguinte, na construção da curadoria *Coronavírus & Educação* para o blog. Uma tarefa que se estendeu por cerca de oito meses – de março a outubro de 2020 – e angariou reportagens da imprensa, artigos de divulgação científica, *e-books*, *lives*, materiais lúdicos, entre outros. A sistematização de conteúdo foi tomando forma no compasso em que os debates acerca das repercussões da pandemia na educação iam ganhando mais e novos contornos temáticos.

O processo de curadoria se encerrou, dessa maneira, com 14 categorias: *Links* de interesse; Cuidados & cuidadores; Escolas & pandemia; Controvérsias educacionais; Desigualdades educacionais; Educação a distância; *Cyberbullying* e proteção infanto-juvenil na internet; Divulgação científica para crianças e jovens; Educação antirracista e para a sustentabilidade; Metáforas educacionais na reflexão sobre o vírus; Outras pedagogias durante

e depois da pandemia; Futuro educacional pós-pandemia; Memória educacional da pandemia; Balaio cultural para estudantes de todas as idades.

Segundo estatísticas do *Wordpress*, plataforma na qual o *Primavera* se encontra alocado, o *post* que reúne a curadoria obteve, até novembro de 2021, 479 visualizações e é o segundo mais visitado do blog<sup>9</sup>. A divulgação via redes sociais de cada novo conteúdo, certamente, auxiliou nessa atratividade. Acredito, assim, que a curadoria exerceu a função de situar interessadas(os) em meio aos choques iniciais que a novidade amedrontadora da pandemia representou às rotinas educativas. Um relato adicional sobre esse trabalho integrou o projeto *Confinaria — Etnografia em tempos de pandemia*, do CRIA — Centro em Rede de Investigação em Antropologia, baseado em Portugal (Bazzo 2020a).

### **Escola em quarentena: registro de memórias**

A exemplo da educação, a ciência foi outro dentre aqueles campos instantaneamente impactados e convocados a buscar medidas de enfrentamento à crise colocada pelo novo coronavírus. Desde a identificação da doença em fins de 2019 na China e especialmente a partir da decretação do caráter pandêmico pela Organização Mundial de Saúde (OMS) nos primeiros meses do ano seguinte, o volume de pesquisas, nas mais diversas frentes, evoluiu avassaladoramente em todo o planeta (Who 2020).

Para tanto, mostrou-se necessário repensar o próprio modo de conduzir essas investigações, de maneira a assegurar, o mais rigorosamente possível, o distanciamento social exigido perante uma mazela infecciosa, ainda sem remédios ou vacinas desenvolvidos naquele momento inicial. Nesse decurso, migraram em peso para plataformas digitais os estudos das ciências naturais e humanas a envolver pessoas como sujeitos de pesquisa, sob uma miríade de temas. E, entre seus instrumentos de pesquisa mais recorrentes, observou-se a difusão, via redes sociais virtuais, de questionários fechados ou abertos gerenciados sob apoio de ferramentas como o *Google Forms*.

Originado em abril de 2020, o projeto *Escola em quarentena: um registro antropológico de memórias educacionais* situa-se como fruto desse movimento massivo de pesquisas, embora sua inspiração metodológica advenha do modo etnográfico de produzir conhecimento, típico da

---

<sup>9</sup> Cf. <https://blogprimaveranosdentes.wordpress.com/2020/06/01/especial-coronavirus-educacao/>.

antropologia enquanto campo do saber. Sabe-se que uma etnografia, para se constituir, pode contemplar a aplicação de perguntas como aquelas reunidas em questionários, mas não se restringe a isso: inclui também a observação sistemática, a escuta atenta, bem como interlocuções mais fluidas e contingentes com os sujeitos de pesquisa, estejam off-line ou on-line (Miller 2020).

Sob tal luz, o *Escola em quarentena* objetivou reunir, em um espaço compartilhado, relatos que não cessaram de se avolumar na internet, assinados por docentes, técnicas(os) educacionais, estudantes e seus familiares, acerca de dilemas, adaptações e aspirações, na tarefa de ensinar e aprender em um panorama que fugia completamente ao ordinário. Mesmo em meio a um dia a dia turbulento, os sujeitos das comunidades escolares conseguiram, portanto, encontrar tempo para ofertar minuciosas impressões, certamente merecedoras de preservação e circulação enquanto conhecimento.

Quando se reflete com autores como Pollak (1989) e Vieira (2020), compreende-se que toda e qualquer memória não é dada, mas sim elaborada por um intenso jogo social de forças, capaz de projetar certas lembranças em detrimento de outras, com efeitos muito concretos sobre a realidade e o destino das pessoas. Nessa senda, o *Escola em quarentena* aspirou à delimitação de um mosaico de percepções das(os) agentes das comunidades escolares, conferindo uma espécie de perenidade, dentre outras, aos seus anseios, afetos e devires, diante da pandemia como um evento divisor de águas neste século.

Para tanto, delimitou como seu espaço de funcionamento um grupo de aprendizado social na rede *Facebook*, o qual conta atualmente com cinco centenas de membros<sup>10</sup>. A despeito de tal conexão externa, desde o princípio, o projeto foi estruturado e divulgado como uma ação do blog *Primavera nos dentes*. A fim de somar comigo, convidei duas outras profissionais para coordenar a iniciativa: Kelli Schmiguel, professora de Ensino Médio na rede pública do Ceará e mestranda em Estudos da Linguagem na Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (Unilab), bem como Mana Lucena Suarez, contadora de histórias e

---

<sup>10</sup> Cf. <https://www.facebook.com/groups/escolaemquarentena>. Um portfólio do projeto, para visitação sem necessidade de perfil no *Facebook*, encontra-se disponível em: <https://rolls.bublup.com/julianebazzo/escolaemquarentena>.

mediadora de leitura, além de mãe de uma criança no Ensino Fundamental da rede pública de Curitiba (PR).

Logo, em sua proposta, o *Escola em quarentena* procurou: valorizar a interdisciplinaridade entre a antropologia e a educação; lançar mão das redes sociais virtuais para efetuar gestão do conhecimento e aprendizagem coletiva; e, por fim, configurar-se enquanto um esboço, ainda que singelo, para refletir sobre ciência aberta e cidadã (Santana 2021), ao partilhar possíveis dados qualitativos de pesquisa no compasso de sua geração, via engajamento das(os) agentes das comunidades escolares no projeto<sup>11</sup>.

A iniciativa replicou com adaptações o modelo de interlocução presente no estudo *Relatos do cotidiano durante a pandemia*, coordenado pelos sociólogos Paulo Gajanigo (UFF) e Rogério Souza (UCAM). A fim de construir um arquivo da vida ordinária durante a quarentena e auxiliar na perenização da memória social brasileira do momento, a investigação da referida dupla se desenrolou igualmente em um grupo na rede *Facebook*<sup>12</sup>. Esse ambiente abrigou unidades de trabalho, que acomodaram depoimentos sobre o dia a dia, mas também descrições de sonhos e expressões artísticas, todos conteúdos compartilhados pelos(as) participantes do grupo, desde o início da pandemia (Gajanigo; Souza 2020).

O *Escola em quarentena*, do mesmo modo, organizou-se a partir de três unidades de trabalho, adequadas aos seus propósitos específicos: (i) Narrativas originais, com relatos enviados exclusivamente ao grupo por suas membras(os) sobre o cotidiano educacional na pandemia; (ii) Narrativas viralizadas, que abrangeram conteúdos com esse mesmo perfil em alta circulação nas redes sociais virtuais e, portanto, repostados como de interesse das(os) participantes; (iii) Narrativas provocadas, que contemplaram enquetes em torno de assuntos potentes de debate público, afeitos ao escopo do projeto.

Qualquer pessoa com uma conta no *Facebook* poderia demandar acesso ao grupo e obter aceite mediante moderação. Para participar, as(os) interessadas(os) deviam acatar um conjunto

---

<sup>11</sup> Importa notar que tais dados passaram a integrar uma pesquisa mais ampla, por mim conduzida primeiro como professora visitante na UFGD e, na sequência, enquanto pós-doutoranda. O estudo, ainda em andamento, almeja etnografar as implicações sociopolíticas da difusão de iniciativas de educação socioemocional no contexto escolar brasileiro, a princípio como uma estratégia *antibullying* e, sequencialmente, enquanto mecanismo capaz de dar conta de possíveis mazelas psíquicas deixadas pela pandemia, manifestadas quando da retomada das atividades presenciais de ensino (BAZZO 2020b).

<sup>12</sup> Cf. <https://www.facebook.com/groups/2261561834146786/>.

condensado de regras éticas, que incluíam o compartilhamento de narrativas via aprovação administrativa, como também o aceite tácito de sua publicidade, tanto nesse ambiente, quanto em outros desdobramentos que o projeto venha a ter. O formato dos relatos poderia se dar de formas escrita, imagética ou audiovisual. Solicitava-se na submissão o informe de alguns dados sobre cada autor(a), como a cidade onde vivia, função na comunidade escolar e a informação sobre vínculo ao ensino público ou privado. Houve, contudo, recepção ao anonimato, sempre que manifesto esse desejo.

À época da presente escrita, o projeto reunia 54 narrativas originais, 100 narrativas viralizadas e quatro narrativas provocadas. Quanto às temáticas por elas abarcadas, pode-se sintetizar que envolveram inúmeras dificuldades de adaptação ao ensino remoto, tanto de estudantes e seus familiares, como de docentes e técnicas(os), seja no que diz respeito ao manejo da tecnologia, à reformulação de conteúdos a distância, à criação de vínculos afetivos via plataformas ou ainda ao equilíbrio com as rotinas domésticas e profissionais dos adultos. Não obstante, chegaram também relatos que revelaram como tais personagens procuraram lidar ou contornar esses obstáculos no dia a dia, com maior ou menor sucesso, por se tratar de um cenário excepcional.

A fim de sistematizar as narrativas em trânsito, houve o delineamento de tópicos classificatórios, ordenados por papéis desempenhados em comunidades escolares. Com isso, constatou-se, até agora, uma suprema presença feminina na assinatura dos relatos coletados, professoras e mães, especialmente de instituições de ensino públicas. Quanto à localização geográfica das(os) membras(os), informada pelo gerenciamento de informações do próprio *Facebook*, a maior parte sinaliza viver no Sul e Sudeste do país (Bazzo; Schmiguel; Suarez 2020).

Tais dados expõem desigualdades no cuidado de crianças e jovens, atravessadas por marcadores de gênero e região e, muito provavelmente, de classe e raça. Forçoso dizer que essas iniquidades são históricas e deveras profundas na realidade brasileira; não raro operam de modo interseccional; e, ademais, se espelham em índices deficitários de inclusão digital, considerados nesse domínio tanto o acesso pleno às tecnologias da informação e comunicação, quanto o necessário letramento para delas usufruir (BAZZO 2020c; CRENSHAW 2002; SYPER 2017).

Dessa maneira, embora seja emblemático no *Escola em quarentena* o volume de narrativas oriundas da rede pública de ensino, tem-se claro que uma considerável fatia de vivências de segmentos mais desfavorecidos da população brasileira, especialmente das regiões geográficas de economias menos abonadas, não foi devidamente captada pela iniciativa. Isso reverbera um problema grave da educação remota emergencial: diante da suspensão das atividades presenciais, muitas famílias se viram em severas dificuldades para continuar nutrindo vínculos com suas comunidades escolares, as quais constituem elos fundamentais na corrente de proteção social (Parreiras; Macedo 2020).

Uma forma de contornar tal lacuna – de modo mínimo, por certo – esteve na indicação de conteúdos a respeito dessa problemática no grupo, na unidade de narrativas viralizadas. Um exemplo residiu na chamada para conhecer o blog *Lugar de criança é...?*, espaço que congregou relatos sobre as aulas remotas feitos por crianças e familiares em situação de vulnerabilidade social, assim como por trabalhadoras(es) de assistência nesse campo, especialmente residentes na região costeira paranaense<sup>13</sup>.

Em meados de outubro de 2020, cerca de seis meses após o lançamento do *Escola em quarentena*, observou-se um decréscimo de movimentações no grupo, com o envio bastante mais espaçado de narrativas originais. Esse quadro parece sinalizar uma certa rotinização da pandemia no dia a dia, com seus prós e contras. Se, por um lado, passadas semanas do início da crise, alcançou-se certo conhecimento sobre como se proteger da Covid-19 para seguir com algum tipo de cotidiano, por outro, houve uma atmosfera de negação da gravidade da doença, em muito favorecida pela má condução de políticas públicas, especialmente da parte do governo federal (Bazzo 2020b). Não se descarta, assim, que um novo ciclo de narrativas venha a se manifestar no futuro, quando aulas presenciais forem integralmente retomadas, dando lugar a um novo conjunto ritualístico de “aflições” (Turner 2008 [1974]) em meio às comunidades escolares.

Quanto a repercussões, pode-se mencionar que o *Escola em quarentena* constituiu objeto de atenção na mídia, em artigos de periódicos e de divulgação científica, bem como em

---

<sup>13</sup> Cf. <https://lugardecriancaufprlitoral.blogspot.com/>. A coleta dos dados presentes nesse blog viabilizou-se por redes tecidas anteriormente à pandemia, pelo projeto *Territórios urbanos e oferta de programações esportivas*, vinculado ao Campus Litoral da UFPR e encabeçado pelos docentes Eduardo Thomassim e Marisete Hoffmann.

comunicações de eventos (para um balanço, cf. Bazzo; Schmiguel; Suarez 2020)<sup>14</sup>. Outro fato a destacar reside no ingresso da iniciativa na base de dados *Coronarquivo*, capitaneada pelo Centro de Humanidades Digitais da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), com intuito de mapear e compreender a ascensão, assim como as implicações de arquivos de memória da Covid-19, no Brasil e no mundo (Marino 2021)<sup>15</sup>.

### **Fazeres etnográficos na pandemia: um podcast**

O terceiro e último projeto abrigado pelo *Primavera* que exporei consiste no podcast *Fazeres etnográficos em tempos de pandemia*, que se configura, a um só tempo, como uma ferramenta de ensino, um esforço de pesquisa e um produto de divulgação científica em antropologia. Esse artefato resulta de uma disciplina de mesmo nome, ministrada por mim enquanto professora visitante do Programa de Pós-graduação em Antropologia da Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD), durante o segundo semestre do regime de educação remota emergencial em 2020.

A disciplina abraçou como tema a feitura de etnografias em tempos de isolamento social devido à pandemia de Covid-19. A proposta residiu em debater, com as(os) discentes inscritas(os), caminhos possíveis para a continuidade de suas pesquisas de mestrado, em um contexto no qual o coronavírus colocava obstáculos às interações presenciais, tão características do trabalho de campo que subsidia a construção etnográfica em antropologia (Miller 2020). Nesse sentido, o plano de aprendizagem contemplou a etnografia digital, mas procurou não situar essa modalidade como a única saída aos desafios do momento. Reuniu alternativas adicionais de investigação, que exploram outros mediadores capazes de colaborar com o distanciamento físico entre pessoas, tais como imagens, sons, documentos, objetos, a literatura, como também nossas próprias casas, os trânsitos imprescindíveis pela rua e a autoetnografia.

A fim de abordar as potencialidades dessas mediações, convidei nove antropólogas(os) que, em áudios, compartilharam com a turma experiências, conselhos, dicas e reflexões acerca

---

<sup>14</sup> Neste *post* do blog também há um apanhado, com inferências adicionais: <https://blogprimaveranosdentes.wordpress.com/2020/05/30/projeto-faz-registro-antropologico-memorias-educacionais-durante-a-pandemia/>.

<sup>15</sup> Cf. <https://www.chd.ifch.unicamp.br/node/9>. Com previsão de lançamento ainda em 2021, uma obra na forma de coletânea de artigos deverá apresentar os projetos integrantes do *Coronarquivo* (Bazzo; Schmiguel; Suarez no prelo).

de cada uma delas, com o propósito de (re)pensar e (re)direcionar etnografias na circunstância singular da pandemia. Colaboraram nessa empreitada profissionais de três das cinco regiões do Brasil – Nordeste, Sudeste e Sul – e também atuantes fora do país: Denise Pimenta (CIDACS/Fiocruz-BA), Debora Leitão (*Université du Québec*), Viviane Vedana (UFSC), Lucas Freire (PPHPBC/CPDOC/FGV-Rio), Aline Rochedo (PPGAS/UFRGS), Alessandra El Far (Unifesp), Fabiene Gama (UFRGS), Eva Scheliga (UFPR) e Fabio Mura (UFPB).

Esse conjunto de áudios, que daria forma adiante ao podcast, se dispersou ao longo do semestre letivo por *WhatsApp*, onde a maior parte da disciplina transcorreu on-line. Essa era a plataforma de acessibilidade mais ampla entre o alunado, confirmada por enquête antes do início do curso. Essa consulta prévia desejou assegurar, em especial, o direito de que as(os) discentes indígenas, cujo número é significativo na UFGD, pudessem frequentar a disciplina. O estado do Mato Grosso do Sul, onde está localizada a universidade, conta com a segunda maior população de indígenas no Brasil. Como sabido, resistem ainda muitos e enormes débitos históricos do poder público perante a cidadania efetiva desse coletivo, o que abrange a inclusão digital irrestrita dos territórios indígenas mais distantes dos centros urbanos (Chamorro; Combés, 2015; UFGD 2021).

As(os) antropólogas(os) convidadas(os) a contribuir com suas vozes na disciplina são, em maioria, autoras(es) de referências que compuseram o programa de ensino. As interfaces de pesquisa por elas e eles abordadas compartilham uma história comum de esforços para evidenciar sua legitimidade perante o modo clássico de se fazer antropologia, pautado nos encontros presenciais e na demanda por um “outro” distante, a fim de assegurar o estranhamento. As circunstâncias vividas com a pandemia lançaram ainda mais luz, portanto, a práticas etnográficas que vêm enriquecendo a antropologia já há muito tempo e, definitivamente, não estão à margem (CAV/ABA 2020).

Por reunir variadas frentes possíveis de etnografia, o programa do curso mobilizou uma literatura acadêmica que passou longe de ser exaustiva a cada uma delas. A ideia era que as(os) estudantes pudessem avançar, para além da disciplina, nas frentes que considerassem produtivas para suas investigações particulares. Embora entre as referências selecionadas já existisse uma quantia expressiva situada no cenário da Covid-19, uma boa parte abarcou situações de pesquisa de origem prévia a essa conjuntura. Sendo assim, as indicações de leitura

procuraram funcionar como inspirações para boas discussões e reflexões a respeito de adaptações viáveis, como também de seus limites, no contexto sanitário em foco.

Ao longo de cada uma das nove semanas da disciplina, portanto, as(os) discentes receberam, via grupo montado no *WhatsApp*, um roteiro de estudos, composto por leituras a serem feitas e por um comentário em áudio da professora sobre elas, orientado por um mapa mental do conteúdo. A isso se somavam as vivências, os conselhos e as reflexões gravadas pelas(os) profissionais convidadas(os), chamadas internamente ao curso de “audiódicas”. As(os) estudantes finalizavam o roteiro semanal de estudos com exercícios, de modo a experimentar as alternativas de pesquisa apresentadas, conforme seus próprios interesses investigativos. A cada quinzena, aproximadamente, a turma se reunia comigo on-line, para debatermos, sob motivação de perguntas-chave elaboradas pelas(os) alunas(os), com base nas leituras, nos áudios e nos exercícios realizados.

À medida que a disciplina se aproximava do fim, constatei que as “audiódicas” se mostravam tão ricas e tinham nutrido de tal modo o entusiasmo entre as(os) estudantes que me pareceu oportuno ampliar sua circulação. Dessa forma, nasceu o podcast *Fazeres etnográficos em tempos de pandemia*, acomodado no espaço do *Primavera nos dentes*. Uma vez no blog, as “audiódicas” das(os) antropólogas(os) convidadas(os) para compor as aulas transformaram-se em episódios, acompanhados de sua literatura temática<sup>16</sup>. Em cada episódio, as falas dessas(es) profissionais surgem apresentadas na íntegra, sem cortes ou efeitos – aquilo que possa ter faltado em tecnologia, quero argumentar, certamente é compensado em pedagogia. E, para assegurar a acessibilidade, houve inserção de legendas que transcrevem todos os episódios, disponibilizados no *YouTube*, a partir do blog.

Mais que ofertar respostas definitivas às problemáticas a envolver a realização de etnografias no contexto pandêmico, a disciplina que originou o podcast almejou funcionar como um laboratório de experimentações. Nele, esperava-se que cada estudante, conforme sua realidade, se permitisse montar uma “caixa” de possibilidades instigantes de pesquisa para atravessar um momento peculiar, repleto de impactos materiais e emocionais sobre as vidas. Nessa direção, como trabalho final de curso, provoqueei as(os) discentes a construírem seu

---

<sup>16</sup>Cf. <https://blogprimaveranosdentes.wordpress.com/2021/02/01/podcast-fazeres-etnograficos-em-tempos-de-pandemia-possibilidades-de-pesquisa-antropologica-em-ambientes-digitais-e-para-alem-deles/>.

“plano B” de investigação no mestrado, cujo contexto seria de continuidade da pandemia e/ou de seus efeitos.

Como resultado, uma discente indígena, interessada em estudar o conhecimento de mulheres parentes Guarani e Kaiowá sobre remédios tradicionais, percebeu como frutíferas a etnografia de seu próprio ambiente familiar, como também a autoetnografia. Outra aluna apostou nas afinidades entre antropologia e literatura, com a proposta de estudar o atual momento político do Brasil por intermédio de narrativas fantásticas. Houve ainda quem lançasse mão da etnografia digital, de documentos, de objetos, bem como de imagens e sons já existentes para problematizar temas variados, a saber: suicídio e pandemia; rituais religiosos e tradicionais; assim como violações de direitos humanos.

Foi também com esse convite de experimentação que circulei o podcast a um público mais amplo, via redes sociais virtuais. Surpreendeu-me o interesse em conferir os episódios não apenas vindo de acadêmicas(os), mas, sobretudo, de profissionais das ciências sociais atuantes fora da universidade. Para uma ideia, a notícia sobre o artefato que disparei na plataforma *LinkedIn* registrou uma centena de compartilhamentos.

Neste momento, com quase 2.400 visualizações, o *post* que hospeda o podcast figura como o mais visitado do blog. Atualmente, o *Fazeres etnográficos* também integra a *Rádio Kere-Kere*, uma rede de podcasts em ciências sociais, especialmente em antropologia, dirigida à difusão, ao intercâmbio e aprendizado entre produtoras(es) e editoras(es)<sup>17</sup>. Foi justamente a partir do apoio técnico encontrado nesse âmbito que pude disponibilizar minha iniciativa em outras plataformas de *streaming*, como *Spotify*, por exemplo<sup>18</sup>.

Todos esses desdobramentos – de uma disciplina que acabou se tornando um podcast – sintonizaram-me ao alerta de Ingold (2018): no processo de superação de dicotomias ocidentais reducionistas, é preciso não mais opor o ensino e a pesquisa, como duas atribuições que a professora-pesquisadora realiza separadamente, uma em detrimento do tempo da outra. Nessa moldura, poderíamos pensar, adicionalmente, a extensão universitária.

---

<sup>17</sup> Cf. <https://radiokerekere.org/>.

<sup>18</sup> Cf. <https://anchor.fm/fazeretnograficos>.

Na visão do autor, tais atividades configuram “práticas de educação” (*id.*) intrinsecamente ligadas, nas quais a docente-investigadora-extensionista tem o papel de conduzir caminhos em favor da construção do conhecimento, dentro e fora da sala de aula, dentro e fora de seu campo de pesquisa mais circunscrito. Ela realiza essa tarefa em meio à vivência com suas/seus estudantes e também, acredito, no diálogo com a comunidade mais ampla, enquanto coletivos potentes de discussão e reciprocidade.

### **Considerações finais**

A partir de setembro de 2021, o blog *Primavera nos dentes* juntou-se à Rede de Divulgação Científica da Universidade Federal do Paraná (UFPR), na categoria de iniciativa de egressa. A Rede constitui uma movimentação informal no âmbito dessa instituição de ensino, em busca de aproximar dezenas de projetos antes dispersos – majoritariamente presentes em seus cursos das Ciências Naturais –, como forma de responder à conjuntura de negacionismo científico no Brasil diante da Covid-19. Posso inferir que tanto a configuração da Rede da UFPR de modo mais amplo, quanto do *Primavera* de maneira específica informam sobre desafios que não são novos na prática da divulgação científica em nosso país.

Ações nessa circunscrição em muito carecem de institucionalidade, financiamento e reconhecimento como produções científicas de valor (Hochman 2021). Entre outras consequências, na contemporaneidade, tal estado de coisas deixa os atores desse campo bastante dependentes de plataformas de terceiros para operacionalizar suas iniciativas. Se, de um lado, essas plataformas ofertam espaços gratuitos de difusão, por outro, coletam um volume imenso de dados explorados de forma pouco transparente, com possíveis efeitos imprevistos, inclusive em direção contrária a pilares democráticos nos quais devem se pautar a ciência e a educação (Lopes 2021).

Vê-se, portanto, um turbilhão de problemáticas a circundar a existência do *Primavera* enquanto projeto independente, as quais apenas insinuo aqui, chamando atenção para a necessidade de discussões de maior monta, remetidas à divulgação científica em geral. São questões que comunicam a respeito das possibilidades de alcance e, também, de perenidade do blog, apesar dos êxitos que apresentei nesse texto. Ao mesmo tempo, devo dizer que o *Primavera* tem representado a mim, pessoalmente, um modo de “resiliência acadêmica”

(Benetti *et al.* 2017), frente a uma pandemia desenrolada em meio a um governo federal letalmente desidiioso com a educação, a ciência e a vida.

Essa palavra – resiliência – pode ser lida como mais uma dentre as que o sistema capitalista fagocitou, a favor de estruturas opressivas de operação. Mas aqui quero evocá-la para enquadrar aquilo que pode servir como antídoto à paralisia mortificante, enquanto gotímetro de um desejo de prosseguir. Em outras palavras, todo e qualquer meio de sentir-se fazendo algo e de fazê-lo junto com outras pessoas, ainda que no terreno do diminutivo, sob uma inundação de perdas, desalentos e incertezas.

## Referências

BAHSKAR, Michael. 2020. *Curadoria: o poder da seleção no mundo do excesso*. São Paulo: Edições Sesc São Paulo.

BAZZO, Juliane. 2005. *Capacitação em jornalismo e meio ambiente*. Universidade Livre do Meio Ambiente – Unilivre. Material didático. Documento impresso.

BAZZO, Juliane. 2018. ‘*Agora tudo é bullying*’: uma mirada antropológica sobre a agência de uma categoria de acusação no cotidiano brasileiro. Tese de Doutorado em Antropologia Social. Federal do Rio Grande do Sul.

BAZZO, Juliane. 2020a. Escola em quarentena: novos desafios, velhos dilemas. *Confinaria*, 27 abr. Disponível em: <<https://confinaria.hypotheses.org/744>>.

BAZZO, Juliane. 2020b. O amanhã no ‘chão da escola’: lidando com afetos. *Le Monde Diplomatique Brasil*, 6 jul. Disponível em: <<https://diplomatique.org.br/>>.

BAZZO, Juliane. 2020c. Não tenho filhos. Posso ser aliada da maternidade?. *Portal Catarinas*, 10 maio. Disponível em: <<https://catarinas.info/>>.

BAZZO, Juliane; SCHELIGA, Eva. 2020. Etnografias em contextos pedagógicos: alteridades, agências e insurgências. *Campos – Revista de Antropologia*, 21(2):11-27.

BAZZO, Juliane; SCHMIGUEL, Kelli; SUAREZ, Roselaine L. 2020. Escola em quarentena: um projeto de registro antropológico de memórias educacionais durante a pandemia da Covid-19. *AtoZ*, 9(2): 234-240.

BAZZO, Juliane; SCHMIGUEL, Kelli; SUAREZ, Mana L. No prelo. Projeto Escola em quarentena: aflições, memórias e devires da educação na pandemia. In: I. K. Marino & T. L. Nicodemo (ed.). *Projetos de memória da pandemia de Covid-19 no Brasil* [título provisório]. Vitória: Editora Milfontes.

BENETTI, Idonézia C.; ROBERTI JR., João P.; WILHELM, Fernanda A. 2017. Resiliência: enfrentando os desafios do ambiente acadêmico e da vida. *Cadernos Brasileiros de Saúde Mental*, 9(23): 14-23.

CAV – COMITÊ DE ANTROPOLOGIA VISUAL. 2020. Associação Brasileira de Antropologia (ABA). *Experimentações de antropologia (áudio)visual na rede*. Disponível em: <<https://www.youtube.com/channel/UCmPI3wees4g61zbGfePk4YQ>>.

CHAMORRO, Graciela; COMBÉS, Isabelle (org.). 2015. *Povos indígenas em Mato Grosso do Sul: história, cultura e transformações sociais*. Dourados: Ed. UFGD.

CRENSHAW, Kimberlé. 2002. Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero. *Revista Estudos Feministas*, 10(1): 171-188.

DAS, Veena. 1995. *Critical events: an anthropological perspective on contemporary India*. New Delhi: Oxford University Press.

GAJANIGO, Paulo; SOUZA, Rogério. 2020. Registros do cotidiano durante a pandemia de Covid-19: um relato de pesquisa. *Planície Científica*, 2(1): 10-22.

GOMES, Ana Maria R.; GOMES, Nilma L. 2013. Anthropology and education in Brazil: possible pathways. In: K. Anderson-Levitt (ed.). *Anthropologies of education: a global guide to ethnographic studies of learning and schooling*. New York, Oxford: Berghahn Books.

GUEDES, Simoni L. 2014. Por uma abordagem etnográfica dos contextos pedagógicos. In: S. L. Guedes & T. A. Cipiniuk (org.). *Abordagens etnográficas sobre educação: adentrando os muros das escolas* (pp. 7-10). Niterói: Alternativa.

GUSMÃO, Neusa M. M. 2014. Trajetória, percalços e conquistas da antropologia da educação no Brasil. In: S. L. Guedes & T. A. Cipiniuk (org.). *Abordagens etnográficas sobre educação: adentrando os muros das escolas*. Niterói: Alternativa.

HOCHMAN, Gilberto (coord.). 2021. *Comunicação pública, ciências sociais e jornalismo*. Sessão Especial do 45º Encontro Nacional da Anpocs. 19 out. Disponível em: <<https://youtu.be/XOD5VRyUYKo>>.

INGOLD, Tim. 2018. *Anthropology and/as education*. London, New York: Routledge.

LOPES, Luciana M. N. 2021. Crônica sobre o ataque do Spotify à liberdade de criar. *Outras palavras*, 18 ago. Disponível em: <<https://outraspalavras.net/>>.

MARINO, Ian K. 2021. Arquivos digitais da pandemia: como construir uma história justa da catástrofe?. *Le Monde Diplomatique Brasil*, 14 set. Disponível em: <<https://diplomatique.org.br/>>.

MILLER, Daniel. 2020. Como conduzir uma etnografia durante o isolamento social. Tradução C. Balsa e J. Bazzo. *Blog do Sociófilo* [atual Blog do Labemus], 23 maio. Disponível em: <<https://blogdolabemus.com/>>.

OLIVEIRA, Amurabi; BÚRIGO, Beatriz D.; BOIN, Felipe. 2016. A antropologia, os antropólogos e a educação no Brasil. *Antropológicas*, 27(1): 21-44.

PARREIRAS, Carolina; MACEDO, Renata M. 2020. Desigualdades digitais e educação: breves inquietações pandêmicas. *Boletim Cientistas Sociais e o Coronavírus*, 36. Disponível em: <<http://anpocs.org/>>.

POLLAK, Michael. 1989. “Memória, esquecimento e silêncio”. *Estudos Históricos*, 2(3): 3-15.

ROSISTOLATO, Rodrigo. 2018. A liberdade dos etnógrafos em educação e seu mosaico interpretativo. *Revista Contemporânea de Educação*, 13(26):1-9.

SANTANA, Anderson. 2021. *Ciência aberta nas Humanidades*. Disponível em: <<https://youtu.be/1Jrp5GHbSaA>>. Encontros ‘Sempre às segundas’, Biblioteca Florestan Fernandes, FFLCH/USP, 23 de ago.

SCHELIGA, Eva; BAZZO, Juliane. 2020. Etnografias em contextos pedagógicos: alteridades em jogo. *Campos – Revista de Antropologia*, 22(1): 11-32.

SIZANOSKY, Lanita H. da S. 2020. Curadoria educacional. In: Educação como (re)existência: mudanças, conscientização e conhecimento. *Anais...*, Disponível em: <<https://editorarealize.com.br>>.

SPVS – SOCIEDADE DE PESQUISA EM VIDA SELVAGEM E EDUCAÇÃO AMBIENTAL. 2020. *Reservas naturais da SPVS: 20 anos de história*. Curitiba: InVerso.

SPYER, Juliano. 2017. *Social media in emergent Brazil*. Londres: UCLPress.

TURNER, Victor. 2008[1974]. *Dramas, campos e metáforas: ação simbólica na sociedade humana*. Niterói: Editora da Universidade Federal Fluminense.

UFGD – Universidade Federal da Grande Dourados. 2021. UFGD abre prazo para estudantes se inscreverem ao empréstimo de celulares. *Portal UFGD*, 10 set. Disponível em: <<https://portal.ufgd.edu.br/>>.

VIEIRA, Antonio O. 2020. O direito de fala e de memória na epidemia. *Antropológicas Epidêmicas*, 13 jun. Disponível em: <[www.antropologicas-epidemicas.com.br](http://www.antropologicas-epidemicas.com.br)>.

WHO – WORLD HEALTH ORGANIZATION. 2020. *Global research on coronavirus disease (Covid-19)*. Disponível em: <<https://www.who.int>>.